

**Algumas considerações sobre a inserção de alemães e seus descendentes na sociedade brasileira – Colônia Riograndense – Maracáí/SP (1950-1990)****Lídia Baumgarten BRAUN\***

**Resumo:** O presente artigo procura apreender, com base em depoimentos orais de duas senhoras de origem e descendência alemã, o significado que elas atribuem ao seu papel de mulher na comunidade onde viveram e sua inserção na sociedade brasileira. Analisou-se, também, como se deram as novas relações sociais vivenciadas por meio dos casamentos interétnicos, bem como as trocas culturais entre a cozinha alemã e brasileira por meio dos hábitos alimentares. Esse processo permitiu ampliar as redes de sociabilidade, promovendo a inserção desse grupo na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Depoimentos orais. Inserção. Sociedade brasileira. Relações sociais. Trocas culturais.

**Some considerations about the incorporation of Germans and their descendants into Brazilian society – Riograndense colony – Maracáí/SP (1950-1990)**

**Abstract:** This study seeks to examine, through the oral testimony of two women of German origin, the significance that they attach to their roles as women in the community where they lived and their incorporation into Brazilian society. The study will also analyze the new social relations experienced through intermarriage, and also explore the cultural exchanges between German and Brazilian cuisine, through examination of eating habits. This process allowed the cultures to expand the social networks, promoting the successful inclusion of this group into Brazilian society.

**Keywords:** Oral testimony. Inclusion. Brazilian society. Social relations. Cultural exchanges.

O presente artigo traz algumas reflexões, com base em relatos orais, em relação às experiências vivenciadas e o papel social desempenhado por duas moradoras da *Colônia Riograndense*, na região de Macaraí, interior do Estado de São Paulo, entre 1950 a 1990. Procura refletir, também, sobre alguns aspectos que evidenciam as formas de inserção de descendentes de alemães na sociedade brasileira por meio de casamentos interétnicos, e

---

\* Doutora em História pelo Programa de Pós-graduação - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. Bolsista CNPq. A pesquisa que resultou neste artigo contou com o financiamento da CAPES. E-mail: [lidibraun@uol.com.br](mailto:lidibraun@uol.com.br)

ainda aborda as trocas culturais ocorridas entre a cozinha alemã e a brasileira, sendo estes dois últimos aspectos analisados por meio de documentos pessoais, como relatórios de imigração, históricos dos primeiros anos de colonização e documentos da Igreja Luterana, quais sejam: Livros de Atas da Comunidade e Livro de Registros de Casamentos e Livro de Atas do Clube da Curva.

Esta Colônia agregou em torno de si principalmente imigrantes alemães e migrantes de origem alemã vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, mas, também grupos de diversas nacionalidades – poloneses, austríacos, húngaros e suíços, estes últimos com menor expressividade. Os diferentes grupos vieram em períodos distintos, a partir da década de 1920.

Na perspectiva de compreender esse processo, Boris Fausto (1991) levanta algumas questões referentes à mobilidade social e à integração sociocultural e política dos imigrantes. O autor observa como o processo de imigração foi vivenciado mais intensamente no campo e, mais tarde, foi se voltando para a cidade. Fausto destaca que o tema da imigração levantou discussões sobre aspectos positivos e negativos dos caminhos trilhados pelos atores sociais. Para o historiador, independente do enfoque dado ao tema da imigração, sua importância desvela-se por permitir compreender melhor os processos sociais e as instituições básicas na formação do Brasil contemporâneo (FAUSTO, 1991).

Jean Roche (1969), em sua abordagem sobre a imigração, destaca os motivos que teriam proporcionado e incentivado os imigrantes a vir para o Brasil. Ele traça um panorama do processo de colonização e descreve sobre a concentração dos núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. Esses também foram alguns dos motivos que incentivaram a colonização na Colônia Riograndense.

Assim, a primeira parada de muitos imigrantes alemães foi o Rio Grande do Sul. Lá foram criadas várias colônias próximas de centros urbanos, incentivadas pelo governo para povoar as terras e para produzir gêneros alimentícios voltados, sobretudo, para o abastecimento interno. Esses núcleos coloniais eram vistos como reserva de mão-de-obra assalariada. Os imigrantes preferiram se assalariar aqui na América, pois poderiam, com alguma economia, adquirir sua própria propriedade.

Após a permanência nessas colônias, ficava mais fácil ao imigrante se deslocar para outras regiões onde pudesse melhorar de vida. Foi o que aconteceu na Colônia Riograndense. Muitos descendentes de alemães, já radicados no Rio Grande do Sul, foram incentivados pela propaganda dos colonizadores que destacavam a infraestrutura que, desde os primeiros anos de colonização, havia se constituído na comunidade, por meio das Instituições, como a Igreja Luterana, a cooperativa, as escolas e as diferentes formas de sociabilidade construídas no seio da comunidade.

A inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na referida Colônia Riograndense deu-se a partir das redes de sociabilidade estabelecidas por seus integrantes e apreendidas por meio dos depoimentos orais que expressaram sentimentos múltiplos, os quais emergiram no interior do grupo e fora dele por intermédio do processo de recordar. Tais sentimentos se deram por meio das práticas cotidianas, como o trabalho, o lazer, as festas, o papel social da mulher, as relações sociais estabelecidas por meio dos casamentos interétnicos e os hábitos alimentares. Cabe salientar que estas três últimas compreendem o objeto de reflexão deste artigo. As práticas cotidianas, embora indicassem trajetórias de vida e experiências comuns, evidenciaram olhares distintos sobre a mesma experiência.

Os relatos orais permitiram apreender os diferentes significados que as duas senhoras atribuem às suas experiências, como mulher e seu papel social na comunidade, além de procurar evidenciar as representações que fazem dessa experiência.

A escolha das mulheres entrevistadas seguiu dois critérios – o local de origem e o parentesco com as famílias pioneiras. A Sra. Grete Wrede, por ter nascido na Alemanha e por ter sido nora do primeiro pastor luterano, e a Sra. Herta Weissheimer, nascida no Rio Grande do Sul e sobrinha do pioneiro Michel Lamb. Portanto, as senhoras entrevistadas faziam parte dos dois grupos predominantes na Colônia Riograndense – os alemães e os gaúchos –, embora ambas fossem de descendência alemã e participassem das mesmas atividades desenvolvidas nas instituições da Colônia Riograndense.

A Sra. Grete veio ainda pequena da Alemanha, acompanhada dos pais, em 1925. Os pais tinham planos de ir direto para a Colônia, porém, sem maiores explicações, foram levados para uma Fazenda de café, em Minas Gerais. Depois de trabalhar na fazenda, a família se mudou para Guaxupé. Passados alguns anos, surgiu, então, a oportunidade de ir para a Colônia, adquirindo suas próprias terras. O sogro da Sra. Grete foi o primeiro pastor da Igreja Luterana da Colônia Riograndense. Ela participou ativamente das atividades realizadas especialmente pela Igreja Luterana, nas comemorações de datas importantes e nas festas tradicionais. A Sra. Grete também participou da OASE<sup>1</sup>.

Já a Sra. Herta veio ainda criança do Rio Grande do Sul para a Colônia Riograndense com seus pais. Era sobrinha de Michel Lamb – um dos pioneiros dessa região, como já mencionado – e, dessa forma, ela poderia revelar indícios sobre como foi o modo de viver das famílias pioneiras, além da possibilidade de reflexão em relação às divergências entre gaúchos e alemães. A Sra. Herta também participou ativamente da OASE.

Para apreender modos de ser e viver na Colônia Riograndense, as reflexões de Alessandro Portelli são significativas por definir alguns aspectos importantes que caracterizam a utilização da fonte oral no decorrer de uma pesquisa. Segundo ele, a “importância do testemunho oral não pode se situar em sua aderência ao fato, mas de

preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir”. Por isso, não há “falsas fontes orais. [...], afirmativas ‘erradas’ são ainda assim psicologicamente corretas” (PORTELLI, 1997, p. 32). Outra questão importante apontada pelo autor é não considerar a memória “apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997, p. 33). Estas foram questões que auxiliaram as reflexões sobre o processo de construção da memória, com base nos relatos das entrevistadas.

Nesta mesma abordagem, Alistair Thomson (1997) assevera:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos deste passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. (Thomson, 1997, p.57).

Ao procurar refletir e apreender as histórias de vida de pessoas comuns inseridas num determinado grupo, se faz necessário mencionar a relação entre memória coletiva e memória individual. Ambas são compartilhadas pelos grupos sociais.

Conforme Halbwachs (1990, p.26): “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”.

A memória coletiva tem relação com a pluralidade de identidades. Cada grupo constrói sua memória e cada grupo passa pelo processo de perda de um passado comum. Tanto a memória coletiva quanto a memória individual passam pelo aspecto social.

Apresentados os procedimentos adotados em relação à utilização dos depoimentos orais, faz-se necessário refletir sobre o papel social da mulher, sobre os casamentos interétnicos e sobre os hábitos alimentares, respectivamente.

Dessa forma, foi possível observar que o papel social desempenhado pela mulher, as novas relações sociais que se estabeleceram por meio dos casamentos interétnicos e os elementos da cultura, como a culinária, possibilitaram a inserção dos imigrantes alemães à medida que foram se adequando à nova realidade social e cultural.

O papel exercido pelas mulheres foi fundamental para construção da Colônia Riograndense. Às mulheres cabiam todos os tipos de trabalho. Cuidavam da casa e dos filhos, cozinhavam, lavavam, passavam, costuravam suas próprias roupas e as roupas de cama. Tratavam dos animais que produziam leite, ovos, penas para fazer travesseiros, até o

ponto de consumirem, também, a sua carne. Trabalhavam no plantio da terra, ajudando de várias formas, pois muitas delas realizavam o mesmo trabalho de um homem. Derrubavam o mato, preparavam a terra, auxiliavam o marido desde o cultivo até a colheita dos produtos.

Cabe ressaltar que o trabalho realizado na lavoura era feito de forma coletiva por toda a família. Os primeiros produtos a serem cultivados serviam apenas para a sobrevivência da família e, mais tarde, passaram a ser comercializados. As novas relações de trabalho e de sociabilidade intensificaram-se à medida que se ampliou a produção e se passou a necessitar de mais mão-de-obra para trabalhar na lavoura. Isso contribuiu para a ampliação das novas relações de convivência entre alemães e brasileiros.

A participação das mulheres nas instituições formais como a Igreja Luterana também proporcionou maior integração com a sociedade brasileira, pois o trabalho realizado nas festas, preparando a comida – que foi sendo ensinada da cozinha alemã e aprendida da cozinha brasileira – ampliou a convivência entre ambos os grupos.

Muitas mulheres se sentiram desprezadas e discriminadas pelo machismo que ainda permeava a mentalidade das pessoas. Em muitos momentos, as mulheres não tiveram a valorização dos maridos e dos próprios pais, homens considerados os chefes da casa, nas relações estabelecidas ao longo dos anos por meio das práticas cotidianas.

Outras já foram mais valorizadas pela sua condição de mãe, esposa, trabalhadora e pela segurança que elas ofereciam a toda família. Nesse sentido, foi possível apreender o significado do que foi *ser mulher* na Colônia Riograndense. A Sra. Grete se apropria de uma representação do que foi para ela ser, concomitantemente, mulher, mãe e esposa, valendo-se de uma memória compartilhada socialmente:

Sem elas os homens sozinhos não fariam nada. (risos) Porque as mulheres ajudavam muito, tinham que ajudar, não era como hoje. Hoje também nem tem serviço na roça mais pra uma mulher, mas naquele tempo sim. Eu, por exemplo, fiz tudo quanto é serviço, eu falei: olha eu não vou quebrar milho, eu não posso com aquela palha, mas eu fui. A gente fazia de tudo, ajudava construir junto. [...] No serviço todo e também na vida familiar da comunidade, porque todas eram muito mais participativas como são agora. Pensa só na OASE, quando tinha OASE, quase todo mundo ia, né? Toda mulher ia, se tinha criança ou não tinha. [...] Olha a primeira OASE aqui eu não fui. Levei uma lavada da minha mãe, na segunda eu fui.<sup>2</sup>

Refletindo sobre as lembranças da Sra. Grete, é possível enveredar por vários elementos compositivos da memória das experiências reais que ela viveu e do olhar que tem hoje sobre o passado, tendo em vista sua vivência e integração na comunidade.

Em primeiro lugar, a Sra. Grete compara a realidade vivida por ela no passado com períodos mais recentes, enfatizando a dura realidade das mulheres, especialmente no que diz respeito ao trabalho com a terra. E, atualmente, em sua nova situação social, com melhores condições de vida, ela relata que não trabalha mais na lavoura e não tem tantos afazeres como tinha naquela época, além de estar totalmente inserida na sociedade brasileira. Isso leva a crer que as lembranças da Sra. Grete partem de uma memória coletiva, lembrada por ela, mas que certamente foi vivenciada por outras mulheres de maneira desigual, de diferentes formas e em tempos diversos.

A Sra. Grete enaltece o trabalho e a importância dela e das mulheres do passado como fundamentais para a construção do seu lugar social na comunidade, o que leva a considerar a necessidade de reafirmação do seu papel nesse processo. Embora as lembranças da Sra. Grete reforcem a necessidade de realizar o trabalho na roça, que era tarefa desempenhada predominantemente pelos homens; elas podem evidenciar, também, que ela participava ativamente das ações desenvolvidas na Igreja Luterana e no trabalho doméstico. Portanto, é possível observar que a Sra. Grete esteve muito mais envolvida nas atividades sociais e domésticas que nas tarefas voltadas para o trabalho na roça. Isto talvez tenha acontecido devido à própria condição de nora do primeiro pastor luterano. Sua memória parte de uma memória compartilhada por outras mulheres que, certamente, tiveram que trabalhar duro na roça, realizando, em muitos momentos, as mesmas funções do marido, pois “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados” (PORTELLI, 1997, p.16).

Em segundo lugar, ao afirmar que não havia opção em relação ao trabalho realizado pelas mulheres e que, acima de tudo, houve muito empenho e dedicação por parte de todas as mulheres, levando em consideração que o papel da mulher não se restringiu apenas ao espaço familiar, a Sra. Grete está reafirmando uma memória coletiva construída sobre o papel da mulher nesse processo.

Por último, a Sra. Grete crítica as mulheres modernas, quanto à sua participação ou não em vários segmentos da sociedade. É compreensível que a Sra. Grete valorize mais as mulheres de sua época, pois ela está levando em consideração a difícil realidade vivida por elas, principalmente pelo esforço físico e pelas responsabilidades delegadas a elas. A Sra. Grete tem dificuldade em observar, na mulher moderna, todo o dinamismo que desenvolve ao assumir, paulatinamente, diversas ocupações – tais como as de esposa, mãe, dona de casa e profissional –, paralelamente a outras atividades dentro da comunidade, bem como nas relações que ela estabelece socialmente.

Analisando esse aspecto, sob a ótica da representação do lugar social, é possível observar que, para a Sra. Grete, a mulher moderna ocupa um papel diferente do seu, ou

seja, há uma tensão no campo da disputa social, entre presente e passado que a memória dela estabeleceu. Segundo analisa Michelle Perrot,

existem, portanto, as representações, mas também as práticas, e não se pode de modo algum dissociá-las: é preciso fazer uma história dos discursos e das práticas que não os separe. No caso da história das mulheres, o historiador é absolutamente obrigado a fazer essas duas histórias interligadas. (1998, p. 356-357).

Numa mesma perspectiva, a Sra. Herta se apropria de uma representação negativa em relação ao papel desempenhado pela mulher, no passado, com base na memória compartilhada por sua mãe. Suas lembranças evidenciam um período difícil vivido pela mãe, quando teve de *segurar as pontas* em todos os aspectos da vida familiar. Esse relato permite que se perceba a dimensão da importância e da devida valorização da presença da mulher na trajetória da Colônia, tão importante quanto a do homem, bem como os aspectos negativos que implicaram nas relações de alteridade entre homens e mulheres. A esse respeito a Sra. Herta relata:

Como antigamente era mulher, não era como hoje. Mulher era assim... quem mandava era o homem. Então mulher tinha que acompanhar, mais não tinha. Na minha casa, minha mãe não apitou nada. A maioria era assim: trabalhava muito, não tinha conforto, não tinha... não mandava em nada e trabalhava muito. Tinha que cuidar da casa, da família, dos animais e da roça também. [...] Ah! E muito, e muito. Só que ninguém dava valor. Meu pai, por exemplo, ele já foi criado assim. Isso já vem do berço deles. Não é que eles queriam assim, eles achavam certo assim. [...] Meu marido não era assim, ele já era de criação bem diferente do meu pai. Eu não tive nada desse sofrimento que minha mãe sofreu, eu nunca tive isso.<sup>3</sup>

A desvalorização da mulher, o preconceito e o machismo permearam a vida cotidiana na Colônia, mas também houve momentos em que essas mulheres souberam fazer valer as suas vontades, expressando seus sentimentos e seus desejos, mesmo que de maneira desigual e de diferentes formas. A Sra. Herta revela ter consciência de que seu pai tinha uma postura autoritária e machista em relação à mulher, explicação atribuída à sua própria criação e que a Sra. Herta toma como verdade, levando em conta os relatos de sua mãe e da memória compartilhada por ela.

Esse vai-e-vem da memória evidencia sempre um sentimento de nostalgia, que valoriza as mulheres do passado em relação ao trabalho, mas vem sempre acompanhado de um sentimento de frustração em relação ao que elas viveram como mulher, uma

representação simbólica do papel que elas ocuparam no passado. Nesse sentido, o presente passa a ter um sentido positivo para elas, pois relatam não apenas o que fizeram, como também o que elas acreditavam estar fazendo e agora pensam que fizeram (PORTELLI, 1997).

A Sra. Grete, em suas recordações, reviveu os momentos da sua história de vida como uma mulher inserida na comunidade. No olhar que ela tem hoje sobre essa questão, afirma que era comum as mulheres se manterem distantes das decisões, especialmente aquelas tomadas coletivamente e as questões voltadas à comunidade em geral. Somente em casa, num circuito mais privado, é que elas podiam expor suas opiniões e sugestões. Entretanto, nem todas podiam expressá-las, pois, muitas vezes, elas foram anuladas em suas iniciativas de se envolver nos *assuntos dos homens*. Sobre esse assunto, a Sra. Grete relata que

Só os homens, a mulher trabalhava. Na hora de trabalhar era a mulher. Mas ninguém reclamou, todo mundo viveu. Agora em casa também a gente comentava e as mulheres falavam com os maridos também, né? Discutiam as coisas em casa também, né? Dava um palpitinho também. [...] Porque era feio a mulher abrir a boca pra falar. Não era costume das mulheres. Em casa comentava com os filhos, com o marido.<sup>4</sup>

Embora fique evidente que houve a discriminação, a Sra. Grete lembrou as diferentes formas que as mulheres utilizavam para se envolver nos assuntos que, de certa forma, eram discutidos exclusivamente pelos homens. Fica evidente, também, que o fato de ser “feio a mulher abrir a boca pra falar” é um ponto de vista seu, mas que se apoia nas demais representações de outras mulheres sobre esse assunto, pois “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior” (HALBWACHS, 1990, p. 25). Além do mais, as mulheres não ficaram indiferentes às diversas formas de opressão e discriminação. Pelo contrário, houve resistência e vontade de romper com os preconceitos estabelecidos na convivência entre os diferentes sujeitos e na comunidade.

Isso indica, ainda, que as mulheres, aos poucos, foram se inserindo na comunidade, passando gradativamente a opinar sobre questões importantes e que diziam respeito também a elas. Buscou-se, assim, por meio da memória, a representação do lugar social que elas ocuparam no grupo, pois “as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 289).

Outro aspecto a ser mencionado é o fato de a Sra. Grete atribuir aos homens o poder de decisão, tanto em âmbito privado quanto em âmbito público, ao passo que para as

mulheres restava apenas a tarefa de trabalhar sem poder interferir nos assuntos relacionados à própria família, tampouco nos da comunidade e instituições das quais participavam. Certamente, esse olhar que ela tem do passado deve estar relacionado com a sua trajetória de vida e, provavelmente, de outras mulheres. Dessa forma, procura justificar as experiências de dificuldades enfrentadas no passado baseando-se em sua representação sobre o papel das mulheres como inferiores em relação ao dos homens, embora reforce no depoimento anterior a ideia de valorização do papel da mulher na constituição da Colônia Riograndense. Isso leva a considerar a necessidade que a Sra. Grete tem de justificar o passado e de tentar conviver com este passado.

Para a Sra. Herta, a memória reelabora o passado baseado no que viveu e com o que foi compartilhado pela memória do grupo.

Mais o desprezo que num... mulher era mulher... segundo plano. Porque como que uma mulher não tem também um desejo de alguma coisa que pode mesmo falar, conversar, não tinha isso. A mulher era só pra ficar quieto.<sup>5</sup>

A Sra. Herta relembra com certo ressentimento a posição que acredita que ela e as outras mulheres ocuparam como esposa e mãe, num espaço de âmbito privado, e, mais amplamente, de mulher inserida na comunidade. Fica evidente que ela parte de uma memória compartilhada por outras mulheres que viveram uma realidade de discriminação e de preconceito durante suas vidas. Assim, ela expressa o sentimento de decepção em relação ao papel da mulher que, como ela mesma relembra, ficou em *segundo plano*.

Valendo-se do olhar que tem hoje de si mesma, a Sra. Herta procura, provavelmente, justificar seu papel social, enquanto mulher inserida na sociedade brasileira, vivendo em outro contexto, mas talvez com poucas mudanças em relação à sua nova condição social, ou então, com mudanças significativas. Porém, as lembranças procuram reforçar uma memória que foi compartilhada entre as mulheres em relação ao passado. Certamente, muitas mulheres, inclusive a Sra. Herta, sofreram algum tipo de discriminação e preconceito ao longo dos anos e sentiram necessidade de se expressar e de se manifestar em relação aos seus próprios sonhos. No entanto, as mulheres vivenciaram essa experiência de formas diferentes e de modo desigual.

É provável que a Sra. Herta procure reforçar uma memória socialmente compartilhada, na qual lhes confere ora o papel de desprezadas, oprimidas, marginalizadas e “coitadas”, ora de heroínas, desbravadoras e exercendo uma função essencial na constituição da Colônia Riograndense e na inserção desse grupo na sociedade brasileira.

Isso reforça a construção e a apropriação das diferentes representações do papel da mulher nesse processo.

A inserção dos imigrantes e seus descendentes na comunidade foi constituída por diferentes formas de sociabilidade e de lazer que são “formas de ocupação de espaços sociais e de estabelecimentos de redes de relações que deram a eles o sentimento de pertencer a essa terra” (TANNO, 2008, p. 64), que não só viabilizaram essa inserção, mas também ampliaram as redes de relações, as quais possibilitaram às pessoas o sentimento de identificação e de pertencimento ao espaço com seus habitantes; e a identificação com a identidade brasileira e com seus aspectos socioculturais (Livro de Atas do Clube da Curva, 1950-1990).

No entanto, esse processo foi lento. Houve entre as famílias maior interesse nos casamentos entre iguais. Preservar com segurança e estabilidade os laços sociais e familiares, bem como a manutenção da cultura e da identidade alemã por meio do casamento, ao longo dos tempos, era algo que a maioria das famílias almejava. Para tanto, promoviam uniões entre si com o intuito de perpetuar as raízes de descendência alemã, pois, como afirma Francisca Vieira, “o desejo de manutenção do grupo étnico coeso e a endogamia aparecem, pois como a solução para a contradição entre uma superioridade cultural valorada e uma insegurança real superada através da solidariedade étnica”. (VIEIRA, 1973, p. 162). Entretanto, o preconceito e a discriminação foram frequentes em muitos casos em que descendentes de alemães se relacionavam com moças e moços brasileiros.

Mesmo morando no Brasil, muitos pais proibiram que seus filhos e filhas se casassem com os brasileiros. Por um lado, ao se casarem entre iguais a preservação de elementos da cultura alemã era facilmente garantida, pois ambos compartilhavam certos elementos da mesma cultura, como por exemplo, a mesma língua, a crença religiosa e as festas, entre outros (Livro de Atas da Igreja Luterana, 1950-1990; Histórico da Colônia Riograndense, Heinrich Hoffmann, 1950-1990). Por outro, casando-se com brasileiros, passaram a ganhar maior visibilidade por meio da convivência, não só dos casais, mas também de suas famílias, e assim criou-se “um espaço para intensas trocas culturais, configurando-se em um dos principais vetores de transformação da sociedade acolhedora”. (OLIVEIRA, 2008, p. 99).

Ao se casarem com brasileiros, muitos imigrantes e seus descendentes tiveram de mudar seus projetos de vida. Quando os imigrantes partiram da Alemanha, deixando os familiares, com o intuito de alavancar recursos para que pudessem voltar à terra natal com melhores condições de vida, esse sonho certamente mudava, pois, com o casamento, fixavam-se no Brasil, mais especificamente na Colônia Riograndense e, dessa forma, buscavam se adaptar aos costumes da sociedade brasileira, como foi o caso da culinária.

Ao constituir família, a alternativa de muitos homens foi procurar ensinar a culinária às esposas brasileiras. Numa dinâmica de integração, foram gradativamente assimilando aspectos da culinária brasileira, ou então trocando informações que foram também modificadas e ressignificadas no dia a dia.

Entretecendo as redes de sociabilidade constituídas por meio dos casamentos, foi uma constante a união entre os descendentes de alemães, originários do Sul, com pessoas cujos pais vieram diretamente da Alemanha, ou então, de outros países da Europa. Tornou-se frequente o surgimento de casais cujos esposos ou esposas tinham pais alemães, de um lado, e gaúchos, de outro. De certa forma, isso contribuiu para que eles perpetuassem alguns dos costumes da cultura alemã, ao mesmo tempo que corroborou para a adaptação aos costumes brasileiros (Histórico da Colônia Riograndense, Heinrich Hoffmann, 1950-1990).

Considerando a integração do imigrante na sociedade brasileira, Oliveira analisou o processo de inserção de italianos na sociedade brasileira e, sobre os casamentos interétnicos, afirma que, “ao conduzirem os imigrantes italianos para o interior de famílias brasileiras, [...] levavam os cônjuges a exporem entre si, com maior visibilidade, seus valores e costumes, a saber, suas diferenças” (OLIVEIRA, 2008, p. 99). Isto também ocorreu com os imigrantes de origem alemã.

Os casamentos mistos foram se tornando mais frequentes com o passar dos anos devido ao convívio e à integração gradativa dos descendentes de alemães. Mesmo porque, a comunidade da Colônia Riograndense não permaneceu fechada em *guetos*. Pelo contrário, foi uma colonização espontânea, que recebeu tanto imigrantes alemães como migrantes já radicados em outras regiões do país, como já mencionado. Além disso, as propriedades adquiridas na Colônia Riograndense situavam-se próximas umas das outras, no entanto, não havia uma colônia específica para morar. Essa dispersão da população colaborou para o entrosamento entre alemães e brasileiros e, conseqüentemente, dos casamentos mistos e das redes de relações forjadas no seio da comunidade.

O quadro a seguir apresenta o total de casamentos realizados entre os anos de 1952 e 1990, na comunidade da Igreja Luterana. Não estão incluídos neste quadro os casamentos realizados em outras instituições religiosas. Como já assinalado, pode-se observar que, no início da década de 1960, os casamentos mistos se tornaram mais frequentes. Entende-se por casamentos entre iguais aqueles que pertencem à segunda e à terceira geração de descendência alemã. Já os mistos, compreendem pessoas que pertencem à segunda e à terceira geração, casadas com os brasileiros. Por último, os casamentos entre brasileiros abrangem tanto brasileiros que se casaram entre si, por fazerem parte da comunidade Luterana, ou então, pessoas cujos pais eram da segunda ou da terceira geração de alemães que já haviam se casado com brasileiros.

**Casamentos na Colônia Riograndense: 1952-1990**

<b>Ano</b>	<b>Casamentos entre iguais</b>	<b>Casamentos mistos</b>	<b>Casamentos “entre brasileiros”</b>	<b>Total</b>
1952	04	-	-	04
1953	05	-	-	05
1954	06	-	-	06
1955	07	-	-	07
1956	08	-	-	08
1957	06	-	-	06
1958	02	-	-	02
1959	04	-	-	04
1960	07	-	-	07
1961	03	02	-	05
1962	05	01	-	06
1963	07	01	-	08
1964	05	01	-	06
1965	01	-	-	01
1966	06	02	-	08
1967	02	-	-	02
1968	09	01	-	11
1969	08	04	-	12
1970	04	02	-	06
1971	04	04	-	08
1972	01	01	-	02
1973	-	03	-	03
1974	05	05	-	10
1975	05	05	-	10
1976	-	03	-	03
1977	05	03	-	08
1978	02	05	01	08
1979	-	03	01	04
1980	04	04	03	11
1981	02	05	-	07
1982	02	05	01	08
1983	03	07	02	12
1984	01	05	-	06
1985	02	08	01	11
1986	05	10	05	20
1987	03	03	-	06
1988	01	06	03	10
1989	02	07	01	10
1990	01	04	-	05
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>110</b>	<b>18</b>	<b>276</b>

**Quadro 1** - Casamentos na Colônia Riograndense: 1952-1990

Fonte: Livro de Registro dos Casamentos da Comunidade da Igreja Luterana da Colônia Riograndense (1950-1990).

Analisando o quadro, alguns aspectos devem ser ressaltados. Primeiramente, os casamentos entre iguais que se estenderam durante todo o período proposto. Entretanto, durante esses anos houve uma oscilação entre “mais” e “menos” até a década de 1960, quando os casamentos mistos aumentaram. Certamente, essa oscilação se deve não apenas ao surgimento dos casamentos mistos, mas também ao contexto de migração/emigração e à diminuição das famílias numerosas, além do fato de muitos homens e mulheres se casarem com idades diferenciadas.

Outro aspecto a destacar diz respeito ao número de homens de origem alemã que se casaram com mulheres brasileiras, sendo bem maior que o contrário: cerca de 90% dos casos. Somente a partir de 1980 é que os casamentos de mulheres de origem alemã com brasileiros foram se tornando mais comuns. Foi possível verificar essas informações por meio da análise do Livro de Registro de Casamentos da Igreja Luterana, o qual trazia os dados dos noivos, tais como local de nascimento e local de residência, religião, data de nascimento e, especialmente, os dados dos pais – nome completo e local de origem. A consulta ao Livro de Registro de Casamentos ainda permitiu constatar que, nesse período, o número de casamentos entre descendentes de alemães e de italianos também aumentou. Isso provavelmente tenha ocorrido pela proximidade de localização entre os moradores da Colônia Riograndense e os da colônia italiana da cidade de Pedrinhas Paulista, que se distanciam aproximadamente 20 km, intensificando, assim, a integração entre as colônias.

Os casamentos entre os brasileiros foram mais raros. Havia a possibilidade de serem pessoas de descendência alemã, mas com parentesco muito distante, ou então, por serem apenas luteranos e não terem descendência alemã.

Foi possível evidenciar, ao longo da pesquisa, que a convivência entre alemães e brasileiros se intensificou à medida que os descendentes de alemães se inseriam na sociedade brasileira. Verificou-se, também, que os casamentos mistos ocorreram raramente com os brasileiros e as brasileiras de classes mais altas, esta união aconteceu com mais frequência entre as pessoas de classe média e média baixa, salvo algumas exceções. Outro aspecto observado é que foram raros os casos de casamentos entre descendentes de alemães com negros, mulatos ou pardos. Cabe salientar que estas observações somente foram possíveis pelo contato direto da pesquisadora com as famílias ou os seus descendentes, ou ainda, com os membros das famílias dos casamentos que foram registrados no livro da Igreja Luterana utilizado para analisar os dados do quadro apresentado.

Tomando como base de reflexão o processo de inserção dos imigrantes japoneses, Janete Leiko Tanno argumenta que:

Se, por um lado, as formas de sociabilidade no interior do grupo étnico funcionavam como elementos de coesão grupal e impunham obstáculos às relações entre os japoneses e seus descendentes com o restante da sociedade brasileira, as atividades desenvolvidas fora do grupo impulsionavam maior entrosamento destes com os brasileiros. (2008, p. 65).

As redes de relações, as formas de convivência e o processo de inserção dos imigrantes e de seus descendentes na Colônia Riograndense passaram a ter vários significados, dependendo dos interesses econômicos, políticos e sociais, e do lugar social que cada um ocupou nesse processo. Porém, esse processo foi permeado por inúmeras dificuldades e intensas trocas culturais.

Conforme se pôde observar, os casamentos interétnicos possibilitaram maior integração entre ambos os grupos à medida que as pessoas passaram a conviver e a se relacionar mais intensamente. Analisando o Livro de Registros dos Casamentos da Igreja Luterana e comparando-o com os relatórios de imigração sobre as primeiras famílias de imigrantes e migrantes que vieram para a Colônia Riograndense, foi possível observar como houve essa integração por meio dos casamentos. As famílias mais tradicionais procuraram casar seus filhos com membros do mesmo grupo étnico, com o intuito de preservar as tradições alemãs. Contudo, ao se integrarem à sociedade brasileira, os casamentos mistos se tornaram mais frequentes e, ao mesmo tempo, ampliaram as redes de sociabilidade e intensificaram a dinâmica das trocas culturais.

O processo de inserção ocorreu de forma diferenciada entre imigrantes alemães e migrantes gaúchos de origem alemã. Isso aconteceu, também, em relação aos hábitos alimentares que sofreram um processo de readaptação e de modificações muito desigual.

Ao adotar o Brasil como pátria, o imigrante e seus descendentes tiveram de se adequar, entre tantos outros aspectos, também aos novos hábitos alimentares; o que dependia, principalmente, da disponibilidade de gêneros alimentícios e das condições socioeconômicas que viabilizassem o consumo ou o plantio desses gêneros.

A culinária aproximou os imigrantes à sociedade brasileira, especialmente pela necessidade que havia de adaptação à nova identidade. As mulheres tinham de aprender a preparar os alimentos e se adaptarem aos novos temperos, com os quais tomaram contato somente no Brasil (Relatório de Imigração, Heinrich Hoffmann, 1950).

Os hábitos alimentares dos imigrantes alemães e seus descendentes sofreram forte influência da sociedade brasileira. Do mesmo modo, seus hábitos influenciaram a culinária brasileira. Além da influência que ambas as cozinhas receberam, as intensas trocas culturais, as constantes modificações e adaptações aos hábitos alimentares foram fundamentais no processo de inserção do imigrante alemão.

Dito isto, serão apresentados, a seguir, alguns hábitos alimentares e pratos da cozinha alemã e outros que foram sendo introduzidos pelos imigrantes alemães e seus descendentes, bem como pelos gaúchos de origem alemã. Além disso, procurar-se-á evidenciar como foram constantes as readaptações da culinária alemã e das intensas trocas culturais entre ambas as cozinhas – alemã e brasileira.

Como se sabe, alguns hábitos alimentares da cultura alemã influenciaram fortemente a culinária brasileira e, conseqüentemente, também proporcionaram a adoção desses hábitos alimentares ao paladar da população brasileira. De semelhante modo, a cozinha alemã recebeu grande contribuição dos hábitos alimentares e dos ingredientes da culinária brasileira que, aos poucos, foram sendo introduzidos na sua alimentação, numa dinâmica que proporcionou intensas trocas em relação aos hábitos alimentares, como ocorreu com imigrantes de outras nacionalidades, pois, como afirma Oliveira (2008), ao analisar aspectos de integração entre a cozinha brasileira e a italiana, “o conhecimento das duas cozinhas já significava uma intensa troca de hábitos alimentares entre brasileiros e italianos” (OLIVEIRA, 2008, p.208).

Na Alemanha, não há um *prato tipicamente alemão*, isso varia conforme a região do país. A população consome especialmente pães; porcos, que podem ser assados ou fritos na gordura, ou ainda defumados, sobretudo as bistecas e o Joelho; salsichas; batatas; couve; tortas e bolos doces; vinhos e, é claro, muita cerveja.

Alguns pratos da culinária alemã foram adotados pelos brasileiros de forma tão espontânea que eles nem perceberam que faz parte de outra cultura, ou então, outros hábitos alimentares foram adequados e, associados a um novo ingrediente que, desde muito tempo faz parte do cotidiano alimentar do brasileiro. Está presente, de forma mais acentuada, o chucrute, feito com repolho ralado, sal e alguns condimentos, curtido por aproximadamente uma semana. Também integram a cozinha brasileira todos os defumados de porco – Joelho, bisteca, costela, bacon, toucinho e a linguiça (tanto a pura, de carne de porco, quanto a mista, de carne de porco e de boi) –, o salsichão, a cerveja e o chope, e muita cebola.

Muitas receitas e diferentes hábitos alimentares que as famílias utilizavam na Colônia Riograndense foram trazidos do lugar de origem, porém readaptados aqui, conforme as possibilidades de acesso aos gêneros alimentícios e aos condimentos. Da mesma forma, é relevante mencionar como foram se adequando aos ingredientes e aos condimentos para preparar e cozinhar os alimentos. A cebola e o alho eram indispensáveis à culinária alemã.

Os alemães e os gaúchos usavam, com muita frequência, vários condimentos para preparar pratos típicos ou aqueles que aprenderam da cozinha brasileira, tais como a pimenta do reino, a canela, a baunilha, o cravo e o sal amoníaco. Estes quatro últimos, geralmente eram utilizados para fazer as tortas, as cucas e as bolachas. Alguns

condimentos, quando faltavam na região, eram encomendados de alguém que fosse a São Paulo ou, até mesmo, a Alemanha. Raramente algum parente enviava da Alemanha algum condimento ou essência para confecção de bolachas, especialmente as natalinas.

O leite e seus derivados sempre foram amplamente utilizados pelas famílias, tanto alemãs quanto gaúchas. Com este ingrediente se fazia a ricota, utilizada diariamente nas refeições e em diversos pratos, especialmente para fazer o *bolo de ricota*; e para passar no pão usava-se tanto a ricota quanto a nata. As mulheres faziam, também, queijo comum e uma espécie de queijo podre (*verfaulte Käse*). Produziam, ainda, coalhada, requeijão e manteiga caseiros. Com a manteiga faziam bolachas, bolos e tortas. Aliás, as bolachas caseiras eram de todos os sabores: de nata, de amendoim, de mel, de fubá e, como já mencionado, de manteiga.

As famílias gaúchas desconheciam algumas utilidades do leite. Geralmente faziam queijo, ricota, usavam a nata para passar no pão e para fazer bolachas. Com os alemães, aprenderam a fazer outros tipos de queijo, de tortas e bolachas. Ou seja, passaram a aprimorar a culinária por meio da integração com os alemães.

O pão caseiro, assado em forno à lenha, era feito, geralmente, uma ou duas vezes por semana. Os pães eram grandes e sempre feitos em grande quantidade, visto que muitas famílias tinham o hábito de jantar comendo pão com geleia ou algum tipo de frios e tomando café com leite, em vez de comer o que havia sobrado do almoço. Também os bolos, as conhecidas *cucas*, eram comuns na mesa das famílias. O costume de comer pão à noite foi introduzido na Colônia pelas famílias de alemães, e foi repassado para os gaúchos. Muitas dessas famílias mantêm essa prática até os dias de hoje.

Para o café da manhã, os gaúchos geralmente cozinhavam ovos, pão com ovo empanado e frito, e faziam ainda uma espécie de ovos mexidos, acrescentando água e farinha de trigo, além das geleias e do café com leite. Os alemães já preferiam os derivados do leite, além de *blutwurst* (linguiça de sangue) e *leberwurst* (linguiça de fígado); e não podiam faltar as geleias e o café com leite. Certamente, isso não prevaleceu em todas as famílias, fossem elas alemãs ou gaúchas. O que se sabe é que comiam e aproveitavam tudo o que tinham em casa, tanto o que plantavam quanto o que podiam comprar. Os hábitos alimentares diluíram-se rapidamente entre alemães e gaúchos. As famílias de classe mais baixa tinham uma alimentação mais simples e uma culinária menos refinada.

O macarrão era feito em casa pelas mulheres, com farinha de trigo, desenrolando a massa com rolo de macarrão e cortando as fatias conforme o tamanho que desejavam.

As geleias e doces para passar no pão ou para comer de sobremesa, eram feitas com todas as frutas que havia no sítio. As mais comuns eram abóbora, goiaba, mamão, groselha, laranja, pêssego, mexerica, dentre outras.

Em relação à criação de porcos, é importante mencionar que tudo deles se aproveitava, e a quantidade de pratos e alimentos feitos com a carne suína era imensa. Os alemães já utilizavam a carne de porco e suas miudezas na Alemanha, e os gaúchos também foram adquirindo esse hábito, visto que já conheciam a carne de porco. A partir daí, aproveitavam todas as partes do porco. A linguiça era feita não só de carne suína, mas também, de carne bovina. Eram produzidos, ainda, todos os tipos de defumados como, o bacon, a costelinha e o Joelho defumado. Dos pés, orelha, cabeça, fígado, língua, enfim, das miudezas do porco, se fazia um prato conhecido entre as famílias como *cudiguin*. Faziam até linguiça de sangue (*blutwurst*) e linguiça de fígado (*leberwurst*), como já mencionado. Geralmente, os defumados ficavam pendurados em cima do fogão à lenha, a fim de garantir a defumação permanente dos alimentos e evitar o contato com moscas e vários tipos de insetos. Esses costumes eles adquiriram com os brasileiros.

A carne de porco era frita em grandes tachos de ferro e, depois de fria, se colocava toda a carne em latas de alumínio, coberta pela gordura do próprio animal. Para uma boa conservação, era importante manter a carne toda submersa na gordura, visto que as famílias foram adquirindo as geladeiras e os congeladores para conservar a carne e outros alimentos, conforme a melhoria das condições de vida, processo que aconteceu gradativamente e de forma desigual, inserindo-se na dinâmica das transformações capitalistas. Esse processo ocorreu, também, com a população brasileira.

As verduras e as árvores frutíferas foram sendo plantadas conforme os imigrantes alemães e seus descendentes tomavam contato com elas. A mandioca, por sua vez, foi adaptada ao cardápio das famílias desde o início da colonização e seu plantio e consumo ainda tem forte influência nos seus hábitos alimentares até os dias de hoje, sendo um costume que os gaúchos introduziram na Colônia. Oliveira destaca a influência dos imigrantes italianos no hábito de consumir frutas e verduras, “pouco tratamento é dado à importância que o imigrante italiano teve na divulgação do consumo, na sociedade paulista, de frutas e hortaliças, bases de muitos pratos de cozinhas regionais italianas” (OLIVEIRA, 2008, p. 203).

Até que a terra estivesse pronta para o plantio, as famílias tratavam de providenciar logo as galinhas, para que botassem os ovos e depois se pudesse consumir sua carne; uma vaca para tirar leite e, mais tarde, consumir a carne, uns porcos – que, geralmente engordavam com milho que plantavam e com os restos da comida, que são chamados de *lavagem*.

O arroz e o feijão foram introduzidos rapidamente na alimentação das famílias. Houve, entretanto, resistência por parte de algumas famílias em consumir o feijão. É provável que o modo como o feijão era preparado na hospedaria do imigrante, onde as famílias permaneciam durante alguns dias até que se dirigissem ao seu destino, não tornava

o alimento muito apetitoso ao consumo, pois era preparado em grandes quantidades. Além disso, o feijão era um alimento muito diferente do que estavam acostumados, mesmo assim, aos poucos, foram se adaptando aos novos hábitos alimentares. De acordo com Oliveira:

Hábitos alimentares nada mais são do que uma expressão da cultura, nos encontros de cozinhas étnicas, os sabores e odores, ao mexerem com as sensibilidades, provocam em um primeiro momento um estranhamento, porém logo passam a conquistar os paladares. Todavia, sabores e odores, além de constituírem manifestação de formas culturais, consubstanciam estímulos sensoriais que agem como fatores de evocação da memória, estimulando a imaginação e desencadeando sentimentos profundos que se materializam em importantes elos entre o passado e o presente. (2008, p.181).

A maioria das famílias plantava o arroz e o feijão. Ao preparar uma pequena parte da terra, tratavam de plantar os alimentos básicos para a sua sobrevivência. Isso reduzia consideravelmente o custo de vida dessa população, visto que podia plantar frutas (banana, laranja, tangerina, limão, mamão, abacate, goiaba, dentre outras); hortaliças (alface, cenoura, tomate, rabanete, beterraba, couve, salsinha, cebolinha) e tantos outros gêneros alimentícios; bem como criar animais para o abate, o consumo de leite, de ovos, enfim, para garantir o sustento da família. O milho também foi um dos produtos plantados, sendo usado para fazer o pão e as broas (Histórico da Colônia Riograndense, Heinrich Hoffmann, 1950-1990).

À medida que se instalavam na Colônia e tomavam contato com cada uma dessas plantações, alemães e gaúchos passavam a cultivá-las e, mais tarde, a comprar todos os gêneros alimentícios de que necessitavam, conforme as condições econômicas de cada família.

Com o passar do tempo, se tornou possível a aquisição desses alimentos nos armazéns que foram sendo construídos por meio da iniciativa de alguns moradores, que viram no comércio uma possibilidade de aumentar a renda e, ao mesmo tempo, permitir o acesso à população dos produtos mais necessários à vida cotidiana.

No período estudado, alguns armazéns de secos e molhados foram sendo instalados nos bairros mais significativos da Colônia Riograndense. Havia também um moinho de farinha de trigo. Os agricultores levavam o trigo que haviam colhido para moer, transformando-o em farinha de trigo para o seu próprio consumo. Os armazéns de secos e molhados vendiam produtos básicos e de maior necessidade para as famílias dos imigrantes alemães e para a população em geral que foi se instalando na região.

Dentre os produtos básicos e de primeira necessidade vale destacar os mantimentos como arroz, feijão, farinha, açúcar, sal. No armazém também se adquiriam tecidos, enxadas,

foices, facão, enxadão, machado, arame, pregos, além de panelas de ferro, chaleiras, pratos, xícaras e outros tantos produtos. Além de poder encontrar os alimentos e produtos que necessitavam, ir até os armazéns significou muito mais, pois nesse espaço as pessoas que transitavam foram entretendo as redes de sociabilidade, por meio da conversa informal com amigos e conhecidos, ou então no momento que aproveitavam para tomar uma dose de pinga, de conhaque ou qualquer outra bebida.

Tradições como tomar chimarrão, jogar bocha e boliche, fazer churrasco, bem como animados bailes com músicas e danças gaúchas, eram costumes dos descendentes de alemães oriundos do Rio Grande do Sul que moravam na Colônia Riograndense. Alguns desses costumes foram preservados ao longo dos anos, tais como tomar chimarrão e fazer churrasco. Tomar chimarrão, além de ser uma tradição da cultura gaúcha, estimulava a socialização entre os familiares, parentes e amigos. Outros hábitos foram substituídos por novas práticas culturais.

Isso aconteceu gradativamente, pois as pessoas passaram por mudanças significativas em relação ao tempo, que é cada vez menor para as reuniões em família e com os amigos, principalmente por causa do trabalho, do “corre-corre” diário e das responsabilidades assumidas no dia a dia, mudanças nos hábitos, na culinária, no lazer, nas relações estabelecidas com pessoas muito diferentes entre si e também com visões de mundo muito diversificadas.

Um aspecto importante a ser mencionado é que alguns hábitos alimentares característicos da culinária alemã foram sendo reforçados na organização de festas típicas na Colônia Riograndense, nas quais eram servidos vários pratos típicos alemães, tais como o *joelho de porco* e o *salsichão com purê de batata e chucrute*, com direito a muita comilança e extravagância no consumo de cerveja e de chope. Essas festas tiveram grande contribuição, não só no que diz respeito às questões socioeconômicas – pois vários segmentos da sociedade lucravam com elas –, mas também influenciando a própria cultura regional (Livro de Atas do Clube da Curva, 1950-1990).

As diferenças explicitam-se entre os integrantes da Colônia, notadamente os imigrantes alemães que vieram diretamente da Europa e os gaúchos de descendência alemã, já radicados no Brasil. As mais expressivas foram aquelas relacionadas ao suposto conceito de superioridade cultural. Isso refletiu diretamente nos hábitos alimentares e, mesmo considerando que as mulheres gaúchas também eram descendentes de alemães, é muito provável que as tensões se acentuassem por elas não conhecerem pratos mais sofisticados e diversificados da culinária alemã. Como as mulheres gaúchas estavam habituadas a uma vida mais simples, especialmente nas questões da culinária e nos cuidados com a casa, em decorrência das condições socioeconômicas, foram vítimas de intrigas e de discriminações.

A Sra. Herta constrói uma explicação para as divergências entre gaúchos e alemães, que, segundo ela, está imbricada na própria cultura deles. Entretanto, é provável que Sra. Herta, ao afirmar a condição social de inferioridade em relação às mulheres alemãs, se aproprie de uma memória que foi construída e compartilhada socialmente e que agora ela reforça. Ela relata que,

Esses que vieram do Rio Grande do Sul, lógico, como eu falei: mulher não sabia muita coisa, só sabia cozinhar feijão e arroz e pronto e essas alemãs vieram de lá sabendo fazer torta recheada e isso maior conflito foi isso. Eles não sabem de nada! Às vezes falava coisas que não... que rebaixava mesmo. Eu lembro que na minha casa, lógico, quando minha irmã cresceu, já tava...era mocinha já, arrumava cortina, uma coisa ou outra, mas antes com minha mãe, minha mãe não tinha tempo pra essas coisas, não tinha. Então isso já era uma coisa que ah!... A casa dela é relaxada, uma coisa assim. Não era, mais quem não tem tempo não fazia. Essas alemãs não sei como fazia, mas tinha. Era diferente, de criação já.<sup>6</sup>

As lembranças da Sra. Herta evidenciam as divergências culturais entre alemães e gaúchos. Certamente, as mulheres gaúchas eram vistas de forma diferente em relação às mulheres alemãs. Mas isso não ocorreu apenas entre as mulheres alemãs e gaúchas. Considerando a diversidade de nacionalidades e de culturas inseridas na Colônia Riograndense, com certeza, as divergências foram além desses dois grupos. É provável que a Sra. Herta esteja se apropriando das diferentes representações do papel social da mulher que foram construídas e compartilhadas socialmente pelas próprias mulheres de ambos os grupos ao longo dos anos.

Os pais, já acostumados e adaptados aos costumes brasileiros, ensinavam seus filhos e filhas os mesmos costumes. Em meio à convivência diária, as tensões foram aparecendo. Mulheres gaúchas e alemãs, pertencentes ao mesmo grupo étnico, embora muito próximos, mas diferentes no modo de viver e nos seus costumes, foram gradativamente superando as divergências, num processo que as inseriu na sociedade brasileira, apenas de forma e momentos diferentes.

Os imigrantes alemães, ao escolherem a Colônia Riograndense como nova morada, procuraram refazer suas vidas e adequar-se a uma nova identidade que permitiu a eles preservar certos traços culturais do seu lugar de origem e adquirir outros ao se inserir na sociedade brasileira, estabelecendo, assim, pontos de apoio, na convivência entre si e com os brasileiros. Muitas vezes, ao procurar integrar-se a esse novo universo cultural, se depararam com intensos obstáculos que procuraram enfrentar da forma menos dolorosa possível para ambas as partes. Esse processo de integração forçou-os a conviver numa dinâmica de intensas trocas culturais que carregam os traços dessas diferentes tradições.

**Recebido em 9/8/2011**

**Aprovado em 28/11/2011**

## **NOTAS**

<sup>1</sup> OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, fundado no Brasil, em 1899, em Rio Claro-SP. É um grupo formado de mulheres da Igreja Evangélica Luterana e tem por objetivo auxiliar a Igreja em todos os setores.

<sup>2</sup> Entrevista com Grete Wrede, em 01/05/03.

<sup>3</sup> Entrevista com Herta Weissheimer, em 24/04/03.

<sup>4</sup> Entrevista com Grete Wrede, em 01/05/03.

<sup>5</sup> Entrevista com Herta Weissheimer, em 24/04/03.

<sup>6</sup> Entrevista com Herta Weissheimer, em 24/04/03.

## **FONTES**

Entrevista com Grete Wrede, em 01/05/03.

Entrevista com Herta Weissheimer, em 24/04/03.

Histórico da Colônia Riograndense, Heinrich Hoffmann, 1950-1990.

Livro de Atas do Clube da Curva, 1950-1990.

Livro de Atas da Igreja Luterana, 1950-1990.

Livro de Registro dos Casamentos da Comunidade da Igreja Luterana da Colônia Riograndense (1950-1990).

Relatório de Imigração, Heinrich Hoffmann, 1950.

## **REFERÊNCIAS**

FAUSTO, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Fapesp, 1991. 62 p.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

OLIVEIRA, F. A. M. de. *Impasses do Novo Mundo*. Imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

PERROT, M. A força da memória e da pesquisa histórica. Entrevista. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 351-360, 1998.

PORTELLI, A. O que faz a história oral de diferente. *Projeto História*, São Paulo, n.14, p. 25-39, 1997.

---

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p.13-50, 1997.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281–300, 2007.

TANNO, J. L. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos da Imigração Japonesa*. História, Memória e Arte. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 63-77.

THOMSON, A. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, 1997.

VIEIRA, F. I. S. *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1973. 270 p.